

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Kaiapó 13

Data: 10 de setembro de 1980

Pg.: _____

"O irresponsável privilégio indígena"

Sr.:

Meus sinceros parabéns ao Estado pelo seu perfeito editorial intitulado "O irresponsável privilégio indígena", publicado na edição de 4/9. Essas verdades profundas há muitos anos venho externando verbalmente aos que me questionam sobre os problemas das relações entre a sociedade indígena e a nossa, de origem européia. Minha opinião é exatamente a expressa no referido editorial. Para os que não me conhecem, peço licença para me apresentar: logo após a chegada da Expedição Roncador-Xingu à área do Alto Xingu, fui dos primeiros, em 1948, a conviver com as tribos lá existentes. Escrevi nesse ano, e nos seguintes, inúmeras reportagens na imprensa desta Capital, publiquei dois livros e apresentei um documentário cinematográfico colorido, sobre as tribos indígenas daquela área do hoje Parque Nacional do Xingu. Isso, sem contar as inúmeras conferências para o público e para estudantes em escolas de todos os graus, inclusive superior, ilustrando-as com dispositivos tirados por mim. Também ao percorrer a Amazônia, estive sempre em contato com suas tribos indígenas, procurando penetrar nessa sociedade tribal da Idade da Pedra Polida. E, para consegui-lo, li tudo que pude sobre ciências sociais, particularmente Antropologia. Sem falsa modéstia, jacto-me de ter sido o primeiro a fazer um trabalho intenso, sério, honesto, sem veleidades, fazer ciência social, pois tinha por único objetivo apresentar o índio como um ser humano tanto quanto nós. Sem nenhum sensacionalismo, procurei divulgar, vulgarizar ao máximo, conhecimentos sobre os nossos índios. E fiz esse trabalho sem nada ganhar materialmente de quem quer que seja, isto é, de pessoas físicas ou jurídicas, oficiais ou privadas. Bem ao contrário, para tanto gastei muito dinheiro do meu próprio bolso. Mas, se o fiz, foi pelo muito que me comoveu essa sociedade indígena. E ainda uma prova dessa minha ternura para com ela, aí está o meu "ex-libris" de escritor: um índio a pescar.

Portanto, tenho a suficiente autoridade para hoje vir a público e aplaudir o referido editorial de *O Estado* sobre o grave problema das relações entre a sociedade indígena e a nossa. Entretanto, gostaria de acrescentar algo mais ao citado editorial. No dia em que os nossos ancestrais portugueses pisaram nesta terra pela primeira vez e aqui determinaram permanecer, estabeleceu-se o conflito entre as duas civilizações, as duas culturas: a indígena e a européia. E hoje, quase quinhentos anos após, quando vejo cientistas sociais defendendo a utópica solução de se confinar as tribos indígenas em áreas completamente isoladas, sob o pretexto de se preservar a sua cultura, impedindo a sua integração em nossa sociedade, eu me pergunto para que servem a Antropologia e outras ciências afins, ou seja, qual a sua utilidade como ciências. Por outro lado, não é verdade que os índios não desejam participar das vantagens da nossa cultura material. A roupa é uma dessas utilidades a que eles aspiram, sem falar das armas de fogo, dos implementos agrícolas, etc. Acho curioso que muitos dos que mais defendem o confinamento das tribos indígenas são os que mais se interessam em proporcionar-lhes assistência médica. E, no entanto, a presença dos nossos médicos nas aldeias indígenas é o mais poderoso meio de se desmoralizar uma das mais sagradas instituições tribais, ou seja, o pajé com suas pajelanças. Se isso não é um processo violento de destruição

da cultura indígena, não sei mais o que o possa ser. Entretanto, é oportuno salientar que a defesa da cultura indígena está servindo para os mais diversos fins, e um deles consiste em denegrir o nosso passado, apresentando os Bandeirantes paulistas como reles bandidos. Aliás, a destruição dos nossos valores históricos acha-se em pleno auge, e o que se objetiva com isso é algo tão claro que dispensa esclarecimentos.

Mas, já que estamos falando de História, a área no momento confiada, onde os Kaiapós mataram há dias mais de vinte pessoas, foi sempre habitada por esses índios, de um temperamento altamente belicoso. É o que a História dessa região nos mostra. Em meu livro "O Mistério do Ouro dos Martírios", publicado em 1960 (já esgotado), provo, exclusivamente com documentos históricos, que, desde 1590 até hoje, essa região chamada de "Minas dos Martírios" foi sempre teatro de encontros violentos entre Kaiapós de um lado, e Bandeirantes paulistas e sertanistas e jesuítas de Belém do Pará, de outro. Esses índios eram antes genericamente denominados Bilreiros. Bandeiras paulistas foram por eles inteiramente destroçadas, assim como também sertanistas e jesuítas do Pará arrasaram muitas de suas tribos. Esses Bilreiros (hoje denominados Kaiapós), dominaram sempre a área aurífera das minas de ouro dos Martírios, razão por que nunca Bandeirantes paulistas, sertanistas e jesuítas do Pará puderam explorá-las. Hoje, esse ouro está sendo explorado, conforme minha redescoberta dos Martírios, em 1960. Um grupo desses Kaiapós, são os índios Arara, que também estão matando na região. A repórter Adriana Mattoso publicou no *Jornal da Tarde* (23/6/80) ampla reportagem sobre os Arara, na qual relata que, estando em companhia de índios do Xingu e de sertanistas da Funai, estes verificaram no solo marcas curiosas dos pés dos Arara, pois eles costumam, ao pisar, girá-los sobre o calcanhar, dando a impressão de pés de onça, ou seja, de "pés largos". Ora, a denominação "pés largos" dada a uma tribo de índios, aparece freqüentemente na documentação das Bandeiras paulistas, de 1598 a 1611, e sua localização constituiu sempre um enigma para os historiadores das Bandeiras. Em meu livro citado, localizei-os corretamente, à esquerda do rio Araguaia (denominado Parapava pelos Bandeirantes paulistas). E lá foi encontrá-los agora a jornalista Adriana Mattoso, dando uma informação que me permitiu identificá-los. E também agora explica-se a denominação do rio Araguaia, inicialmente chamado *Araraguaia*, nos documentos dos sertanistas do Pará: é uma composição dos nomes *Arara + guaiá* (ou golá, os índios Golás).

Infelizmente, essa história da região aurífera dos Martírios, dominada sempre pelos Bilreiros (Kaiapós), pela primeira exposta em meu livro citado, em nada aproveitou as autoridades governamentais, que, se o tivessem lido com atenção desde o seu lançamento em 1960, saberiam de antemão a dificuldade que iriam encontrar no relacionamento entre esses índios e os posseiros, fazendeiros e colonos. Infelizmente, a História cientificamente escrita, ou seja, com documentos, ainda é considerada uma inutilidade, um mero passatempo. Mas, tudo isto vem a propósito do magnífico editorial de *Estado*, de 4/9, que merece o mais integral apelo de todos os que se preocupam com o nosso sério problema indígena. Manoel Rodrigues Ferreira, Capital.